

O bibliotecário e a ação prática de contar história: uma atividade educativa viável e incentivada nas bibliotecas escolares de Vila Velha, Espírito Santo

Sandra Maria Souza de Carvalho

Prefeitura Municipal de Vila Velha, ES, Brasil
sandramsc@hotmail.com.br

Rogério Zanon da Silveira

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil
projetoservqual@gmail.com

Marcelo Calderari Miguel

Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Econômicas e Jurídicas, Vitória, ES, Brasil
marcelocalderari@yahoo.com.br

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v15.n3.2022.33087>

ARTIGOS

Recebido/Recibido/Received: 2020-08-05

Aceitado/Aceptado/Accepted: 2022-10-17

Resumo

Este estudo tem como objetivo compreender o ato de ‘contar histórias’ na perspectiva de profissionais bibliotecários escolares, contadores de história, atuantes em Unidades Municipais de Ensino Fundamental de Vila Velha – ES. A abordagem metodológica é inspirada no método História de Vida. Os resultados expressam que contar histórias é uma exteriorização que utiliza a memória para manter viva e propagada a cultura. Recorrer às práticas culturais é cuidar e reconstruir a esfera polivalente da prática leitora. Algumas das interlocuções pontuam que o curso de graduação pouco prepara o profissional para exercer essas atividades. Assim, o ato de contar histórias sustenta uma arte polifônica e policromática nas bibliotecas escolares, além de manter ativa a defesa da cidadania. Conclusão: Contar história traz propósitos e valores ao processo de ensino-aprendizagem na educação e mostra que a biblioteca escolar não tem paredes. Fomenta-se a leitura em consonância ao lazer e, conseqüentemente, se sobressai que o ato de contar histórias pauta o desenvolvimento de competências básicas (falar, ouvir, ler e escrever, não só em língua materna como também em língua estrangeira/adicional), a partir de textualizações próprias ao espaço de valorização do protagonismo dos discentes.

Palavras-Chave: Mediação de Leitura e Informação. Contador de histórias. História de vida. Formação do leitor. Profissional da informação.

The Librarian and the Practical Action of Story Telling: a viable and encouraged educational activity in school libraries in Vila Velha City, ES, Brazil

Abstract

This study aims to understand the act of 'telling stories' from the perspective of professional school librarians, storytellers, working in Municipal Elementary School Units in Vila Velha - ES. The methodological approach is inspired by the Life Story method. The results express that storytelling is an externalization that uses memory to keep culture alive and propagated. Resorting to cultural practices is to care for and rebuild the multipurpose sphere of reading practice. Some of the dialogues point out that the undergraduate course hardly prepares the professional to perform these activities. Thus, the act of storytelling supports a polyphonic and polychromatic art in school libraries, in addition to keeping active the defense of citizenship. Conclusion: Storytelling brings purposes and values to the teaching-learning process in education and shows that the school library has no walls. Reading is encouraged in line with leisure and, consequently, it stands out that the act of telling stories guides the development of basic skills (speaking, listening, reading and writing, not only in the mother tongue but also in a foreign/additional language), from textualizations proper to the space of appreciation of the students' protagonism.

Keywords: Reading and Information mediation. Storyteller. Life's history. Reader training. Information professional.

El bibliotecario y la acción práctica de contar historia: una actividad educativa viable y alentada en las bibliotecas escolares de Vila Velha, ES, Brasil

Resumen

Este estudio tiene como objetivo comprender el acto de 'contar historias' en la perspectiva de los bibliotecarios escolares profesionales, narradores, que actúan en las Unidades de Enseñanza Primaria Municipal de Vila Velha - ES. El enfoque metodológico se inspira en el método de Historia de Vida. Los resultados expresan que la narración es una externalización que utiliza la memoria para mantener viva y propagada la cultura. Recurrir a las prácticas culturales es cuidar y reconstruir el ámbito polivalente de la práctica lectora. Algunos de los diálogos apuntan que el curso de pregrado apenas prepara al profesional para desempeñar estas actividades. Así, el acto de narrar apoya un arte polifónico y policromático en las bibliotecas escolares, además de mantener activa la defensa de la ciudadanía. Conclusión: La narración aporta propósitos y valores al proceso de enseñanza-aprendizaje en la educación y demuestra que la biblioteca escolar no tiene paredes. Se fomenta la lectura en consonancia con el ocio y, en consecuencia, se destaca que el acto de contar historias orienta el desarrollo de habilidades básicas (hablar, escuchar, leer y escribir, no solo en la lengua materna sino también en una lengua extranjera/adicional), a partir de textualizaciones propias del espacio de apreciación del protagonismo de los estudiantes.

Palabras clave: Mediación de la Información. Contador de historias. Historia de vida. Formación de lectores. Profesional de la información.

1 Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra!

A contação de histórias não está ligada apenas à imaginação infantil. Entende-se que a contação de histórias “faz parte da vida do ser humano e do seu processo de humanização, porque simboliza a relação do homem com a linguagem e suas formas

de representação, como as pinturas rupestres, os grunhidos e a fala propriamente ditos”, conforme consideram Santos e Oliveira (2021, p. 160).

O conto oral é uma das mais antigas formas de expressão. A voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido em todos os lugares, preenche diferentes funções, aconselha, estabelece normas e valores, atende desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (PATRINI, 2005).

Segundo Souza (2017), a boa contação abrange: a) o silêncio, em que a voz do ouvinte não é escutada para que o texto possa abrolhar sentidos; b) os olhos e os ouvidos do ouvinte, que permitem abstrair, construir conceitos e hipóteses, brincar com o texto, aprender e internalizar significados, exteriorizar emoções; e, c) os sentidos em geral, por meio dos quais o ouvinte recebe os textos e constrói enredo ficcional.

Desde os tempos remotos, os seres humanos têm necessidade de exprimir sentidos da vida, buscar explicações para nossas inquietações, transmitir valores, e isso tem sido a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar histórias. Assim, a contação de história nas escolas é uma forma de levar a criança ao fascínio pela oralidade e pela leitura.

Há uma percepção de que, cada vez mais, profissionais da informação atuantes em bibliotecas escolares se tornam contadores de histórias. Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa foi investigar a atuação dos bibliotecários que atuam nas escolas municipais da cidade de Vila Velha, no estado do Espírito Santo, para se inspirou na metodologia História de Vida. Participaram da pesquisa cinco profissionais bibliotecários contadores de história.

2 Um, Dois, Três, Conto ‘Outra Vez’... Conte Histórias!

Contar histórias é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar... pelas histórias – um cabal exercício de cidadania. A contação de história é um dos costumes mais antigos da história da humanidade. Sobre a prática da contação de história, Silva (2014) lembra que contos orais sempre estiveram na vida das pessoas. Segundo a autora, histórias de viagens, façanhas de aventureiros, eram motivo de reunião na

Antiguidade, com a ideia de passatempo, diversão, “matar” curiosidades ou mesmo conhecer lugares desconhecidos.

Pessoas sempre precisaram de respostas para o que ainda não sabiam responder e, assim, histórias eram passadas de geração para geração. Silva (2014) fala do prazer vivenciado pelo ouvinte numa história lida ou contada, vivenciando, temporariamente, angústias e alegrias. Fala, por exemplo, das crianças que, uma vez mobilizadas na narrativa, um mundo se realiza a elas, em torno de seus interesses e desejos.

Miguel e Carvalho (2021) comentam que o contar histórias remete a uma viagem sem sair do lugar, que os leva a lugares de sonhos e que promove o encantamento de pessoas em qualquer idade. Os textos a seguir buscam abranger essas e outras ideias que contornam o tema contação de história, procurando situar: o histórico (2.1); o substrato (2.2); e o imo bibliotecário (2.3) que envolve a ecologia da informação e a arte de contar histórias.

2.1 Quem conta um conto ‘aumenta um ponto’: uma visão historiográfica do contar histórias

Uma geração de jovens contadores de histórias, tais como Renée Robitaille, Éric Gauthier e Fred Pellerin, buscou expandir a narrativa para o público em festivais, bibliotecas e escolas a fim de propagar essa arte tão antiga quanto particularmente moderna. Destarte, estamos diante de um processo dialético.

Hampaté Bâ (2010, p. 169), mencionando a tradição oral africana, fala que ela não se limita a lendas ou relatos mitológicos apenas. Para o autor, a tradição oral significa a grande escala da vida, “e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostuada a separar tudo em categorias bem definidas”.

Assim, na tradição oral, o espiritual e o material se dissociam. “Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas”. A tradição oral é, então, religião, conhecimento, arte, história, recreação. “Fundada na iniciação e na experiência, a tradição oral conduz o homem à

sua totalidade e, em virtude disso, pode -se dizer que contribuiu para criar um tipo de homem particular, para esculpir a alma africana” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169).

Barreto e Sousa (2017, p. 203) salientam que “apesar do costume de narrar histórias ser uma tradição muito antiga, a expressão contação de história só foi empregada a partir das últimas décadas do século XX”. O Quadro 1, a seguir, apresenta a arte de contar histórias no decorrer de uma linha cronológica.

Quadro 1. A arte de contar de histórias no decorrer de uma linha cronológica

Era	Contar histórias - atividade do campo da educação da área das ciências humanas
Séc. VIII a.C.	Obra de Homero (Íliada e Odisseia, que contavam a história da guerra de Tróia, dos gregos contra os troianos, e do retorno do herói Ulisses para sua terra natal, são de caráter épico).
Séc. X	Década de 900 / Livro - 1001 noites - histórias se entretêm e mantêm Sherazade viva e livre, e ao mesmo tempo para curar o Vizir, purificando seu coração do incessante desejo de vingança contra as mulheres. Aliás, no oriente esta tradição de curar a psique através da narrativa de histórias é amplamente preservada pelos psicoterapeutas.
Séc. XV	Século XV houve forte produção literária, e as crianças tinham como leituras diárias, cartilhas, catecismos que eram passadas para as crianças por diversos mediadores.
Séc. XVII	Dom-juanismo (década de 1630) diz ‘se amar bastasse’ – o ato de amar consolida um rol de absurdos e leva a acreditar que Don Juan possa pouco ter vivido cada uma das histórias de amor mas algo verídico há nas histórias ou na forma como ele dá vida à elas.
Séc. XVIII	O livro de imagens – um recurso que traz histórias narradas por meio unicamente de imagens (sem o texto), uma forma de literatura infantil pouco explorada.
Séc. XIX	Os contos tradicionais, como os contos de fadas (de Hans Christian Andersen) – com linguagem simbólica, auxiliam a criança nos seus momentos de insegurança emocional.
Séc. XX	Monteiro Lobato (1882 - 1948), paulista que fez histórias utilizando-se de personagens mixadas a literatura universal, da mitologia grega, dos quadrinhos e do cinema. Já Júlio César de Mello e Souza (1895 - 1974), citado como Malba Tahan produziu 69 livros de contos e 51 de matemática, destaque com a obra ‘O Homem que Calculava.’
Década de 1970	Teatro de bonecos - se fala em visualização da imagem, o teatro de fantoches e grupos como Giramundo - Fundado em 1970 o coletivo mineiro de marionetistas é referência no campo do teatro de bonecos – manuseados por meio de fios, de varas, de luvas.
Década de 1980	A contação de história foi usada como meio de propagação de doutrinas religiosas (budistas e pela medicina hindu) – a história aos doentes desorientados, a escolha para sarar as dores problemática e psíquica do paciente (medidas biblioterapeutas).

Década de 1990	<p>Filme - Forrest Gump - o contador de histórias, filme norte-americano de 1994; na trama o Forrest Gump, um homem Alabama, conta as andanças pelo EUA no final do século XX.</p> <p>A companhia 'Os Tapetes Contadores de Histórias' - criado em 1998 narra histórias com tapetes, painéis, malas, aventais e livros de pano, o repertório é variado – de contos populares a ilustres escritores como Ana Maria Machado, Graciliano Ramos, Ricardo Azevedo e Sérgio Capparelli. Busca o despertar da leitura e destacam – 'somos pesquisadores' de contos de tradição oral, intersecções entre texto e têxtil (manifesto).</p> <p>Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 1998 – aponta que: a intenção de fazer com que as crianças, apreciem o momento de ouvir, mobilizando a expectativa e permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.</p>
Séc. XXI	O século passado foi marcado pelo audiovisual (a multimídia). O contar histórias emprega plataforma de compartilhamento de vídeos como um ingrediente essencial.
Década de 2000	<p>2003 / Filme EUA - <i>Big fish</i> (o grande peixe e suas histórias maravilhosas) narra à história de um antigo vendedor itinerante do sul dos EUA que possui o dom para contar histórias.</p> <p>2005 / Livro - O homem que contava histórias - coletânea de histórias orais que privilegia os chamados contos de artimanha – narrativas resgatam as tradições de diversas etnias.</p> <p>2005 / RJ – Imperatriz Leopoldinense – Hans Christian Andersen e Monteiro Lobato na Sapucaí Enredo: Quem conta um conto aumenta um ponto - desfile da escola de samba.</p> <p>2006 / Encontro internacional Boca do Céu (criado em 2001) de contadores de histórias.</p> <p>2009 / Filme - O contador de histórias (Brasil) cena biográfica, conta a história do contador de histórias Roberto Carlos Ramos – atuante na cidade de Belo Horizonte, MG</p>
Década de 2010	Porto de Contos (2011) - Encontro Internacional de Narração Oral e Escola de narração oral reuniram contadores de histórias de várias partes do mundo, com o objetivo de aproximar as narrativas.

Fonte: os autores, com base em trechos da entrevista comuns aos bibliotecários escolares, mar. 2021.

Busatto (2005) argui que a contação de história surgiu antes mesmo da escrita, pois, desde o princípio, a humanidade sentia a necessidade de repassar, por meio da oralidade, fatos históricos que faziam parte do passado de cada povo. Nessa via, o conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade, por meio da voz dos contadores de história. Assim, a dialogicidade, como suposto da mediação cultural e pedagógica, revela que as crianças não precisam ouvir histórias apenas quando já adquiriram o sistema de representação da língua escrita (ocasião supostamente a desejar).

2.2 **Contação de histórias: sem pé nem cabeça a oralidade ‘não está no gibi’**

A ‘contação de história’ é um neologismo criado nas últimas décadas do século XX, como relata Busatto (2005, p. 7). A pesquisadora explica que tal expressão se refere ao ato de contar ou narrar histórias – e ambas as palavras “querem dizer a mesma coisa”. Lourençon e Bastos (2022) mencionam que a arte da hospitalidade, assim como a de constar histórias, surge como fato social no seio da família e vai se desdobrar em grupos sociais distintos. Passou pelo tempo e por diferentes espaços reestabelecendo vínculos entre pessoas, por meios os mais diversos: modernos ou não, televisivos, virtuais e comerciais. E assim:

O contador de histórias, por meio das palavras, assume funções de informar, aconselhar, divertir, valorizar e difundir as tradições, propõe reflexões filosóficas e reavaliações práticas para a educação e a cidadania, fundamentais para a formação do ser humano e conseqüentemente da sociedade. Sendo assim, o contador de histórias ganha proeminência, porque tem o potencial dom de aconchegar, de quebrar barreiras, de instituir igualdades, confiança e afeto, formando pessoas sensíveis, tão necessários ao sujeito moderno (LOURENÇON; BASTOS, 2022, p. 15).

Santos e Oliveira (2021) asseveram que, nas diferentes fases da trajetória histórica, o ato de ‘contar história’ apresenta múltiplas expressões e ecoa em torno de um processo de humanização. Ressaltam que a contação de histórias é parte do processo de humanização, pois simboliza a relação ser humano e linguagem em suas formas de representação, como pinturas rupestres, grunhidos e falas. Assim, o contar histórias difundiu hábitos, vivências, costumes comuns a determinados grupos em sociedade, contribuindo para a construção de culturas.

Contar histórias é uma atividade que só é possível porque faz com que se mobilizem recursos que são exclusivamente humanos, como imaginar, criar e memorizar, além de emocionar, e acaba sendo tão familiar ao ser humano que se confunde com nossa própria história de humanização [...]. Ao longo do tempo, depois dessa função inicial, a contação de história continuou fazendo parte das vivências sociais e ganhou outros espaços e possibilidades (SANTOS; OLIVEIRA, 2021, p. 160-163).

Logo, neste estudo, é ressaltada a concordância com Santos e Oliveira (2021) e, nessa perspectiva, se apetece que as responsabilidades pedagógicas do bibliotecário escolar promovem o despertar de uma consciência crítica necessária ao exercício da cidadania. Miguel e Carvalho (2021) argumentam que narrar ou contar histórias é criar um ambiente de descobertas, surpresas e provocações, suspense e emoção, em que a trama e as personalidades adquirem tónus e pulsões, transformando tanto o narrador como o ouvinte. Para esses autores,

a ideia de contar história se associa a diversas práticas sociais e, também, a diferentes contextos de disponibilização da informação, configurando em um dos hábitos mais remotos. No campo escolar, é uma forma de instigação de imaginação e da criatividade infantil; de incentivo à leitura e aprendizagem. E nesse pano surge a profissão de contador de histórias, cuja ação tem um compromisso firme:

ser o liame da construção dos elementos da cultura de nossa época, não podendo ignorar que a produção, difusão e intercâmbio da literatura são uma marcante particularidade para se pensar a cibercultura e a convergência tecnológica (MIGUEL; CARVALHO, 2021, p. 36-37).

As histórias, alegam (MIHIĆ *et al.*, 2017), são sensivelmente terapêuticas ou curativas e os contos folclóricos ou de fadas exibem contingências salutares. Há neles um regalo de esperança e coragem para lidar com as dores e os câmbios da existência. Histórias não são pílulas mágicas com receitas para cada comportamento (MIHIĆ *et al.*, 2017). Porém, apontam que as histórias podem fazer rir ou chorar ou ambas as coisas – a escarcalhada e a lamúria, não importando seu conteúdo, elas têm a potência de ser uma coisa ‘curativa’. À vista disso, o poder medicinal das histórias está em envolver os ouvintes; oportuniza-se, assim, que contador de histórias fomente a transformação de comportamentos ‘inadequados’ em diversas idades e procedimentos (MIHIĆ *et al.*, 2017).

2.3 Biblioteca escolar e o bibliotecário: construindo tessituras além do ‘Conto da Carochinha’

A biblioteca escolar é essencial para a formação de leitores e, por meio da leitura, pode desenvolver o pensamento crítico e reflexivo e a construção do conhecimento, estabelecendo a possibilidade de melhor comunicação para uma vida em sociedade. Nessa via, entende-se que o ato de contar histórias é próprio do ser humano. O profissional da informação pode se apropriar dessa característica e transformar a contação num importantíssimo recurso de formação do leitor. Dessa maneira, a contação de história nas escolas foi uma forma de distrair as crianças, contribuindo para o ressurgimento da figura do “bibliotecário contador de histórias”.

Logo, narrar histórias é instigar, confabular fantasias e, nessa esfera, Souza e Bernardino (2011) relatam tratar-se de estratégia pedagógica que favorece a prática docente na educação infantil e no ensino fundamental, uma vez que escutar histórias

é estímulo à imaginação e, assim, educa e desenvolve as habilidades cognitivas; o processo de leitura e de escrita; e a interatividade que potencializa o linguajar infantil.

A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolve responsabilidade e a auto expressão, assim a criança sente-se estimulada, e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem (SOUZA; BERNARDINO, 2011,p. 237).

Lourenço (2014, p. 30) aponta que a empatia promove coesão entre as pessoas e toa como uma prática valiosa de passar saberes e, portanto, “isso colabora para as relações sociais no próprio espaço de leitura, entre o mediador e a audiência, expandindo-se também para outras dimensões da escola e dos grupos sociais em que esses sujeitos - contador e ouvinte – estão inseridos”. Contar histórias é formar leitores e, assim, busca-se valorizar a história viva, sensibilizando o ouvinte com o estímulo de percepções imaginárias que articulam o sensível e tocam o encantamento de mundo, alimentando o espírito e resgatando significados para a nossa existência, alega Lourenço (2014).

As histórias ampliam o contato com o livro e com universo cultural e imaginário dos interagentes. Nessa via, Matos e Sorsy (2009), em ‘O ofício do contador de histórias’, ressaltam ser oportuna uma distinção entre o “contador de histórias” e o “leitor de histórias”, tendo em vista que a arte do contador demanda gestos, expressões corporais, interpretação e interação com o ouvinte. O contador vai recriando um conto com seus ouvintes. Por sua vez, o leitor empresta a voz ao texto que lê, como um ator que interpreta um texto, não podendo assim recriá-lo ou interferir no estilo literário de seu autor. Frisam os autores que:

Essa questão causa certa controvérsia em torno do que é contar histórias, mas talvez seja mais apropriado abordar a questão de outra forma: que contos são ‘contáveis’? Se, como René Diatkine, considerarmos que contar pressupõe uma relação direta com o auditório, então podemos concluir que o conto de tradição oral é o que realmente se encaixa nessa arte, porque é ele que nos permite a liberdade de criar e recriar junto com a plateia. (MATOS; SORSY, 2013. p. 8-9).

Vygotsky (1987) adverte que o acúmulo de conhecimentos é condição indispensável para o desenvolvimento da imaginação e essa é a essência da atividade criativa. Destarte, a perspectiva sócio-histórica de Vygotsky mostra que a relevância da

atividade (re)criadora do homem é aquela que cria algo novo – quer seja este um objeto ou uma determinada construção da mente.

Bortolin e Burghi (2014) consideram que a contação de história, dentre suas incomensuráveis prerrogativas pedagógicas e culturais, é uma brincadeira. Entende-se que essa atividade é ancestral. Todavia, hodiernamente, a vasta gama de recursos tecnológicos acessíveis faz com que as experiências já venham prontas para jovens e crianças – “assim, o ato de brincar, acaba sendo uma opção que fica em segundo plano e muitas crianças esquecem as formas de brincar que exigem delas iniciativas físicas e cognitivas” (BORTOLIN; BURGHI, 2014, p. 214). Logo, o espaço da biblioteca torna-se, então, um local propício a essa atividade literária, pois por ela circundam não só livros, mas, essencialmente, pessoas.

Bortolin e Burghi (2014, p. 219) destacam que histórias estimulam o desenvolver de funções associadas à cognição e ao pensamento, visto que permitem às pessoas “compreender e interpretar melhor a si mesmo e a realidade, sendo a contação de história uma atividade com infinitas possibilidades de interações”. Assim, a contação de história instiga à reflexão, à inventividade, à oralidade; impulsiona a vontade pela leitura e colabora no desenvolvimento da personalidade da criança, envolvendo o social e o afetivo. Nessa linha de pensamento, Teixeira e Lopes (2021, p. 180) destacam:

Percebe-se a indissociabilidade entre o texto e o ato de ler da experiência no mundo e nos contextos individuais do sujeito. Isso deve ser levado em conta ao se planejarem ações de mediação de leitura. A biblioteca, o universo dos livros e as narrativas devem dialogar com alunas e alunos, e as histórias e narrativas que eles carregam enquanto sujeitos devem estar presentes nas atividades a serem desenvolvidas no espaço.

Já Silva, Silva e Lourenço (2016, p. 12) observam que existem cursos, oficinas e até mesmo disciplinas em universidades que auxiliam na formação profissional. No caso dos bibliotecários, a *Classificação Brasileira de Ocupações* assinala que o Moderno Profissional da Informação (MPI) deve desenvolver recursos informacionais, disseminar informação e realizar difusão cultural e educativa – o que agencia novas iniciativas à mediação da leitura (SILVA; SILVA; LOURENÇO, 2016). Vieira (2017), no estudo sobre a Biblioteca pública infantil (Sul do Distrito Federal), mostra a contação de história na ambiência das oficinas de pintura como uma ação que ajuda no

desenvolvimento intelectual das crianças, estimulando imaginários, fantasias e criatividade:

O contato com o livro, por exemplo, é uma oportunidade que a criança tem, de se familiarizar, de forma gradativa, com elementos mais simples, tais como: imagens, texturas, cores, a símbolos mais complexos como letras e números [...]. A contação de história é positiva para o desenvolvimento cognitivo das crianças em longo prazo e também é uma forma lúdica para o estímulo da criatividade e imaginação que elas vivenciam na biblioteca (VIEIRA, 2017, p. 76-77).

Gerlin e Simeão (2016, p. 290) reforçam que a “capacidade de aprender é imprescindível à aquisição da competência em informação dos sujeitos narradores”. Continuam, a aquisição de habilidades necessárias para alcançar a competência em informação exige a capacidade de aprender autonomamente, observando que o “aprender a aprender” é uma habilidade necessária ao contador de histórias. Portanto, é requerido ao contador de histórias do século XXI primar pelo letramento e pela alfabetização digital, posto que os sujeitos narradores utilizam as tecnologias de informação e comunicação para a consecução das suas pesquisas, buscas e seleção de textos narrativos (GERLIN; SIMEÃO, 2016, p. 296).

3 Percursos metodológicos e ‘coisas do arco da velha’

O caminho metodológico situa relatos de vida (método História de Vida) de bibliotecários contadores de história, explorando os sentidos que incitam a ação de contar ou cantar histórias. Dessa forma, parte-se de experiências vivenciadas por Bibliotecários Escolares da rede de bibliotecas escolares da Prefeitura de Vila Velha, Espírito Santo. Representam trajetórias de vida que se entrelaçam socio culturalmente com o ambiente lúdico e informativo das Unidades de Ensino Fundamental (UMEF) em que atuam. Basear-se na história de vida como método vai ao encontro do objetivo desta pesquisa: compreender o ato de ‘contar histórias’ na perspectiva de profissionais bibliotecários escolares.

A abordagem situa uma perspectiva qualitativa de pesquisa. Os contadores de história selecionados são bibliotecários bacharéis graduados pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) na segunda década do século XXI. A escolha dos cinco respondentes deu-se pelo critério de acessibilidade e conveniência e por fazerem parte de um grupo de *WhatsApp* de um dos pesquisadores.

Portanto, trazer para a discussão a proposta de se compreender a articulação da construção histórica dos bibliotecários e suas conexões com o valor simbólico auferidos no método História de Vida viabiliza o desenvolvimento de pesquisas na área da CI, garantindo a aproximação entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador – que recolhe as histórias de vida e do tempo, promovendo profusos reencontros. No método História de Vida, o interagente externaliza, por meio da linguagem (narração) e por meio de sua perspectiva pessoal, experiências e sentimentos vividos.

À luz dessas colocações, Andrade e Melo (2017), Carvalho, Nascimento e Bezerra (2018), Miguel, Cardoso, Carvalho e Silveira (2022) e Troccoli (2022) relatam que o método História de Vida é um meio de análise qualitativa que procura compreender a vida como ela é relatada/interpretada pelos interagentes, o qual executa uma reflexão sobre si. Portanto, o método História de Vida é uma descrição ou menção de episódios, eventos sociais ou não, vivenciados pelos participantes.

Ao contar a história de sua vida, o sujeito fala de seu contexto e de suas vivências pessoais e, ao final, os relatos recolhidos apresentam algumas possibilidades de interpretações e câmbios de uma comunidade. Destarte, Nogueira, Barros, Araujo e Pimenta (2017) relatam pontos imprescindíveis no diz respeito ao método História de Vida, ou seja:

[...] o método de história de vida é uma ferramenta que possibilita aos pesquisadores e sujeitos uma relação em que a ética e a dimensão da alteridade são fundamentais. As lembranças nesse processo não são simplesmente repetir um passado, e sim trabalho, reconstrução e deslocamento. O processo de recolher as histórias de vida se dá no tempo do encontro. (NOGUEIRA; BARROS; ARAUJO; PIMENTA, 2017, p. 483).

Assim, frisa-se que, a estratégia de pesquisa tem um forte apelo à ação; o convite à participação foi estendido a todos os profissionais do setor de Biblioteca Escolar da Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Apesar da suspensão das aulas presenciais (Governo do Estado sobre a Matriz de Risco Covid-19 suspende as aulas presenciais da Educação Infantil, independente da classificação de risco por 21 dias), em março de 2021, a sessão das entrevistas foi mantida, bem como as demandas da profissão em trabalho. Todavia, é importante ressaltar que o período de pandemia Covid19 foi um fator limitante para compreender o método História de Vida na prática, pois os profissionais com a interrupção do seu contrato de trabalho estavam se readequando a nova forma de atuação.

4 Bibliotecários, Reflexões e Práxis: ‘nós somos do tecido de que são feitos os sonhos...’

A prática da contação de história na escola tem expressivo papel no processo de ensino-aprendizagem e pode ser trabalhada de várias formas. A contação de história apresenta às crianças o universo da narrativa, tornando-se um instrumento poderoso de promoção pelo gosto e hábito de leitura, de ampliação das experiências na sociedade e de desenvolvimento da imaginação e da habilidade de ouvir, além de dar seguimento lógico aos acontecimentos e ampliação do vocabulário, sendo esses alguns itens da importância da linguagem oral.

A CH precisa fazer parte do momento das crianças na biblioteca escolar e ela necessita ser promovida sem improvisos a fim de se tornar uma experiência contagiante e de trocas entre os ouvintes, permitindo que o lúdico faça parte do processo de ensino aprendizagem.

Aplicando a abordagem História de Vida com cinco participantes, foram coletadas suas narrativas, situando alguns aspectos em comum. E, para manter o anonimato de seus nomes, optou-se por utilizar nomes fictícios inspirados em cinco personagens de uma coleção de livros de ‘mistério e aventuras’ para crianças, escrita por Enid Mary Blyton, cujo título é *Os Cinco* (*The Famous Five*, na versão original). Os nomes dos personagens são: Júlio, Ana, David, Zé e Tim.

Os arquétipos desses personagens situam: Júlio (Julian, na versão inglesa), um jovem de bom senso; Ana (Anne, na versão inglesa), uma jovem muito prática; David (Dick, na versão inglesa), um jovem brincalhão; Zé (Georgina, na versão inglesa), uma jovem forte e valente; e, Tim (Timmy, na versão inglesa), o cão fiel. A coleção, composta por 21 títulos, foi publicada no Reino Unido em inglês entre 1942-1963 (THE FAMOUS FIVE, 2022). A coleção já foi adaptada para o cinema em diferentes filmes nos anos 50 e 60 e como série para a televisão, produzida nos anos 70.

4.1 Abram-se as cortinas e espalhe o ‘Pirlimpimpim’: ao cabo de contas, abri o bico e bota a boca no mundo

Os participantes da pesquisa destacaram a Contação de Histórias como uma atividade muito utilizada em suas bibliotecas escolares. Evidenciou-se em suas histórias de vida oito tópicos: 1) a relação com a aprendizagem; 2) o desenvolvimento

da imaginação e senso crítico; 3) a interação com o público; 4) a comunicação e dinamismo; 5) o hábito pela leitura; 6) a práticas pedagógicas; 7) a criatividade e oralidade; e, 8) as experiências transmitidas pela família, escola e igreja.

A ilustração a seguir (Quadro 2) destaca um painel síntese – relativo às entrevistas (março/2021) com cada um dos respondentes. Foram realizadas três entrevistas com cada bibliotecário escolar da Semed, com duração média de sessenta minutos por sessão.

Quadro 2. A contação de histórias atividade comunicativa e principais leituras

Depoimentos – livros de cabeceira e aprendizagens	
Julio	Bibliotecári@ (32 anos) [...] Eu conto muitas histórias, e apesar de não ter aprendido na graduação, fiz alguns cursos de contação de histórias, e eu gosto de contar histórias. Tem vários livros legais, e eu escolho a história de acordo com a faixa etária e o gosto dos alunos. Tem a história “Advinha o quanto eu te amo” do autor Sam McBratney, que fala do coelho pai e do coelho filho tentando medir o tamanho do amor que sentem um pelo outro, que é bem bacana.
Ana	Bibliotecári@ (42 anos) [...] Eu prefiro os contos de Monteiro Lobato, esses despertam mais a minha atenção para as contações reais de casos. Assim, aprendi a contar histórias nas formações que tive ainda como estagiári@. Não fiz cursos, mas cursei uma disciplina no curso de letras [segunda graduação] no IFES e os primeiros aprendizados são o lar e a igreja. E abram-se as cortinas que adoro mostrar que a vida tem muitos conteúdos e assim somos feito lendas.
David	Bibliotecári@ (23 anos) Eu conto muitas histórias, por incrível que pareça é difícil eu citar livros que eu contei e eu gosto de criar histórias também, como toco violão, gosto de adequar história e música, os alunos adoram. Já fiz cursos na biblioteca de Vitória, na UFES e na internet, pois histórias é importante e reproduz a própria essência da vida e o Ser humano [...]. Assim, entre tronco e barreiras e no final das contas, quero mesmo é abrir o bico e bota a boca no mundo.
Zé	Bibliotecári@ (58 anos) tem livros que já se tornaram referência para mim, tipo o Bumba Boi de Fabiana Ferreira Lopes, que é um livro muito bacana, e outra referência para mim também é o livro Congo Capixaba, que eu já contei para os alunos [...]. Leio a Cultura Popular do Espírito Santo, livros que eu gosto bastante. Gosto dos escritores capixabas também da autora Neusa Jordem Possatti, os livros da coleção Ciça são muito bons! [...].

	Quero mesmo é espalhar o 'Pirlimpimpim' e mostrar que há magia em cada história, o pó da alegria é o multiplicar.
Tim	Bibliotecári@ (39 anos) [...] tem uma lenda adaptada pela professora Alzinete Maria Rocon Biancardi [Dra na UFES]. O pássaro de fogo, esse me marcou muito, o livro dos Chapeuzinhos Coloridos, me marcou bastante também porque reconta uma história clássica sobre outras óticas, a obra 'O cabelo de Lili' que é da Lilian Menenguci. Também gosto de Contos dos Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen que são os príncipe e escritores de toda uma infância.

Fonte: os autores; trechos e recortes da entrevista como bibliotecários escolares, março, 2021.

É no seio da atividade narrativa que emerge o reencontro de experiências transmitidas de indivíduo para indivíduo. O participante Zé, por exemplo, articula estórias e a comunidade escolar. Considera a contação de histórias uma arte, “e como tal é preciso ter aptidão para tal, mas também e principalmente gostar de contar histórias”, precisa gostar de ler e conhecer histórias, para que seja capaz de se reinventar, fazer adaptações, usar a imaginação e criar:

Zé: Gosto muito de contar histórias de repetições, fábulas, histórias de amor e que tenha algum tipo de ensinamento, lição. Acho válido esse tipo de história, mas também posso me preparar para contar tantas outras [...] folclore, lendas, adivinhas [...] a contação de histórias é um admirável recurso literário de incentivo à leitura e aprendizagem para os alunos e para os outros que ouvem e interagem na biblioteca. Gosto de fazer cursos também, e utilizar recursos que ajudem no meu desempenho. Aprender e inovar, é sempre bom (ZÉ, 2021).

Na fala dos respondentes, os bibliotecários contadores de história, destacam-se alguns cenários e, ademais, a linguagem não verbal e outros atos que compõem os dados de análise, que aparecem nas expressões dos entrevistados. David, destaca o papel do contar histórias no processo de ensino e aprendizagem, funcionamento como forte elemento para o desenvolvimento da busca por mais leituras por parte dos alunos.

David: Eu acho que a contação de histórias é um bom recurso para auxiliar no ensino aprendizagem e incentivo à leitura nas bibliotecas escolares [...]. A história alimenta a imaginação dos ouvintes, transmitem mensagens, conhecimentos, disciplinas, prende a atenção, informa, ajuda a socializar, educa [...] Acredito que se as crianças ouvirem histórias ainda pequenas, elas gostarão de livros e consequentemente de leitura[...].

David revela que aprendeu a contar histórias primeiramente por meio de um curso, em que aprendeu mais a teoria. Depois, em sua atuação como bibliotecário escolar, começou a colocar em prática, “aprendendo diariamente, com os alunos mesmo, com as histórias, com os livros, vídeos no *youtube*, e fazendo novos cursos [...]”. Revela sua admiração específica pela história dos “Os três porquinhos”: “a que mais gosto de contar, e aí uso a imaginação, a criatividade para reinventar a história quantas vezes for preciso e criar outras tantas[...]”.

Num sentido parecido, o entrevistado também considera que a contação de história leva ao hábito da leitura, ou seja, incentiva ouvintes e ele próprio a procurarem ler mais histórias, mas também a buscarem outros tipos de leitura. Cita o projeto “IndentidadES” como potencial para conquista de novos leitores.

Assim, com toda certeza ao ouvir a história a criança desperta sua aprendizagem, sua imaginação. Se pedimos para a criança recontar a história, o mesmo contará o que conseguiu assimilar. Não podemos deixar de falar o trabalho conjunto da Semed que apoia essa prática e ainda para o espaço imediatista da biblioteca escolar alguns projetos como o ‘Entre Versos e Rimas’, a ‘Visita de Escritor’ e ‘Peças teatrais’ que vem a somar para a prática de contar histórias (TIM 2021).

Algumas dessas expressões remetem à ideia de Troccoli (2022), ao dizer que a História de Vida envolve a capacidade de descobrir aspectos da experiência humana, compreendendo de que forma as pessoas interagem, interpretam e constroem seus sentidos. Nesse sentido, para ressaltar a importância da contação de histórias, principalmente na biblioteca escolar, a escolha pelas entrevistas como base metodológica na história de vida para este trabalho vai ao encontro das vozes que protagonizam essa pesquisa, que é a dos profissionais bibliotecários atuantes nesses espaços e nessas ambiências.

Os bibliotecários Ana e Júlio destacam a era hodierna (à crise da COVID-19) e as mazelas concebidas. Suas falas remetem a considerações de Lourençon e Bastos (2022), de que o contador, por meio de suas palavras, informa, aconselha, diverte e valoriza e difunde tradições. Assim como o entrevistado Zé já havia comentado, Júlio fala que o contador de histórias “tem que gostar do que faz, pois o sentimento é o que dá sentido ao que está sendo transmitido, seja para o público infantil, juvenil ou adulto”.

Segundo Júlio, isso é primordial ao exercício de boa comunicação e, assim, de boa interatividade: “dominar esses elementos, é fundamental para uma boa contação de histórias, explorando a oralidade e a criatividade, a interpretação e o raciocínio lógico”. Revela ainda Júlio

gosto pela proposição de atividades orais, fundamentais, em sua opinião, para que as crianças guardem e depois recordem histórias que ouviram, seus personagens, ou mesmo criem suas próprias histórias. O que vai ao encontro de considerações de Souza e Bernardino (2011), ao ressaltarem as atividades com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino.

Guardar e recontar e recriar histórias por parte das crianças, e incentivadas por essas e outras atividades, propicia a elas construção de seu próprio “conhecimento sobre o mundo em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p.237). Júlio acrescenta ainda o papel da atividade de contação de história, aliada a outras atividades, no enfrentamento de dificuldades sociais sérias, como o foi o período da pandemia decorrente do COVID-19.

Júlio: O momento vivenciado pela pandemia traz à tona o sofrimento, o medo, a angústia e a dor e em meio ao caos, as histórias trazem alento e consolo [...] A função social dos contos e a importância do papel desempenhado na sociedade, encantam independente da forma utilizada para contar. Contadores de histórias são mediadores, a mediação linguística caracterizada pela coisa mediada, trocar informações e unidades linguísticas como, por exemplo, existem índios, o índios tem determinadas expressões que não são escritas, e transmitem isso por meio de expressões – a tradição oral mostra correspondências próprias, assim eram feitas associações para apresentar a comunidades. Era preciso transpor saberes, mostrando associação para assimilar valores de uma linguagem.

A entrevistada Ana também se refere ao gostar de contar história, segundo ela, “fator primário, visto que é essencial ter afinidade com a obra, com o público e principalmente sentir prazer no que está fazendo para poder contar de maneira dinâmica e criativa”. Fala ainda da importância do domínio dos recursos vocais e corporais, mas, principalmente, do domínio da história, ações necessárias para a apreensão de signos linguísticos, provocando o imaginário ao emergir valores ancestrais, a cultura de povos e comunidades tradicionais, por exemplo.

Ana: É sempre bom também utilizar alguns recursos, tipo fantoches, um varal com livrinhos ilustrados próximo as crianças, imagens visuais e paisagens sonoras entre outras que possa prender a atenção do leitor e levá-lo a se encantar pela literatura. Contar história pode ser de fábula como a “A formiguinha e a neve” dos irmãos Grimm, que conta a história de uma formiguinha indo para o trabalho quando cai um floco de neve no seu pézinho [...] com o pézinho preso na neve a formiguinha suplica a todos por ajuda[...] É uma história bem bacana e que agrada a toda as idades. A mediação está dentro paradigma estruturalista, mostra a estrutura fundamental de todas linguagens são polarizadas em torno marcante de dicotomias, mediando significados e signos, muito antes da interpretação de dados.

Comunicação e dinamismo são pontos fortes expressados por Ana para a prática da contação de história, assim como conhecer e se envolver com o conto a fim de melhor interagir com o público. Considera que a contação incentiva o hábito da leitura. Ela relata que os alunos retornam à biblioteca em busca da obra da história contada e, também, outros livros. Suas falas remetem a algumas mencionadas por Santos e Oliveira (2021), de que contar história somente é possível por meio de mobilização de recursos exclusivamente humanos, como imaginar, criar, memorizar e emocionar.

Então, o espaço da biblioteca torna-se um local propício para essa atividade literária, pois, por ela, circundam não só livros, mas igualmente as pessoas. Biblioteca está associada essencialmente à substantividade, às pessoas, aos seres humanos. Nessa via, também, entende-se que o contador de histórias precisa de um bom “planejamento para que sua história tenha sucesso, porém o principal para tudo o que se vai realizar é estar seguro e gostar do que está fazendo e obviamente usar de todos os recursos para que a contação das histórias sejam repletas de ‘magia’ e alegria” (SANCHES; FERREIRA, 2014, p. 215).

Alguns contadores de história empregam ferramentas visuais e sonoras, entre objetos que compõem seus personagens ou que ilustram suas histórias – utilizam fantoches, deboches, aventais, cartazes, o próprio corpo e a sua voz como elementos para liberar a imaginação, a criatividade e incentivar o gosto pela leitura, conseqüentemente. Quando o contador de história opta por usar apenas ‘o poder da palavra’, a palavra passa a ser mais do que simplesmente a fala, pois a fala passa a ser ‘carregada de significados’ (SOUZA, 2017). Neste trabalho, isso foi também reportado pelos bibliotecários Júlio, Ana, David, Zé e Tim, posto que oralidade e cognição humana evoluem ao longo da vida.

5 Cercando um *Gran Finale*

[...] os historiadores também precisam admitir, gostem ou não, que a força e a energia de fábulas e ficções podem soprar vida em almas mortas. Essa vontade demiúrgica pode ser típica de toda a ‘literatura’, antes ou depois do momento histórico no qual a palavra começou a designar o que chamamos de ‘literatura’, que supõem uma conexão entre noções de originalidade estética e propriedade intelectual [...] (CHARTIER, 2014, p. 8).

Este trabalho coloca algumas inquietações sobre o elemento contação de histórias na trajetória profissional de cinco bibliotecários – contadores de histórias (que fazem uso da oratória em sua prática educativa). Suas expressões iluminam algumas vivências, práticas e competências, trazendo à tona uma contribuição socioconstrutivista para essa temática.

As interpretações das expressões dos participantes da pesquisa, à luz de aspectos teóricos que abrangem o tema contação de história e inspiradas no método da história oral, possibilitaram aproximação do objetivo de pesquisa, qual seja, entender o ato de contar histórias na perspectiva de contadores de história.

A respeito da contação de história ou da hora do conto, resultados desta pesquisa mostram que sua função de incentivo à leitura em ambientes escolares é inegável. É razoável afirmar que a criança, recebendo orientação e estímulo, pode desenvolver o gosto pela leitura ainda na primeira infância e a contação de história auxilia nesse desenvolvimento. Ouvir histórias, além de despertar a imaginação da criança, instiga-a conhecer novas histórias e fazer a sua própria narrativa. Quando a história é lida em voz alta, há uma troca entre o leitor e o ouvinte; o texto ganha vida, sons e encantamento.

Nesse painel, a pesquisa mostra a biblioteca escolar como um lugar de construção e reconstrução de conhecimentos e que a contação de história nesse ambiente contribui na aprendizagem escolar em todos os aspectos: cognitivo, físico, psicológico, moral ou social, sensorial e perceptivo dos alunos. Consiste num precioso auxílio à prática pedagógica de bibliotecários e professores. Como lembram Miguel, Cardoso, Carvalho e Silveira (2022, p. 2), em lugares diversos do planeta, “a palavra possui um poder de encantamento, pois as vozes criam acontecimentos, onde a oralidade precede a escrita no mais denso mundo”. Nesse ponto, é preciso ressaltar a importância da formação de parcerias entre o bibliotecário e a comunidade escolar, a fim de que juntos possam desenvolver projetos pedagógicos que contribuam inexoravelmente para o aprendizado e para o desenvolvimento de leitores no ambiente escolar.

À luz dessas colocações, e resgatando um pouco da metodologia adotada neste trabalho, Troccoli (2022, p. 8) relata que a história de vida é um meio de “pesquisa qualitativa que busca compreender a vida como ela é relatada/interpretada pelo

sujeito, o qual executa uma reflexão sobre sua vida”. Assim, pode-se dizer, aspectos da contação de história revelados pela história de vida consiste em mediação informacional e pedagógica essencial no trabalho do bibliotecário.

Troccoli (2022) destaca ainda que a história de vida envolve o relato de situações/fatos “vividos no presente ou no passado, sendo valorizada a visão do indivíduo sobre o assunto enfocado. Seu propósito é compreender a vida como ela é relatada/interpretada pelo sujeito, o qual executa uma reflexão sobre sua vida”. Neste trabalho, foi possível observar que contação de história e história de vida ora se confundem, ora se complementam, quando o participante da pesquisa fala sobre sua paixão como contador, em que mistura o contar de sua própria história. E nessa praxia, o papel do bibliotecário como educador se fortalece cada vez mais, todavia, o sabem bem, precisam transformar seu espaço de trabalho em um ambiente voltado para ensino e aprendizagem.

Assim, contar história, na perspectiva dos participantes desta pesquisa, arrasta recursos que incentivam à leitura e faz o interagente mergulhar e usufruir dos meios culturais (no mundo da imaginação); pautando o despertar de interesse por essa atividade como um exercício constante da cidadania e de garantia de elementos democráticos para a produção de conhecimento.

É razoável dizer sobre contribuições importantes deste estudo para o campo educacional, notadamente para a formação juvenil e infanto-juvenil. Os resultados podem servir como referências para o desenvolver dessa atividade em escolas municipais e estaduais. Podem servir para revelar experiências valiosas mostradas pelos contadores participantes da pesquisa no município de Vila Velha, servindo como incentivo à profusão dessas experiências em outros ambientes educacionais.

No entanto, a despeito de suas contribuições, esta pesquisa deixa algumas lacunas e limitações que merecem ser destacadas. Uma delas diz respeito ao fato de a pesquisa ter sido realizada num momento de difícil convivência física, motivado pela pandemia do COVID-19. Outra limitação diz respeito ao escopo, tempo de pesquisa e quantidade de participantes envolvidos. Sugere-se, como pesquisas futuras, ampliação desse escopo, a fim de obtenção de mais resultados e de maior projeção para o tema pesquisado.

Ao bibliotecário, especificamente, emerge a relevância de seu papel de mediador da leitura, para o quê deve ultrapassar as atividades técnicas, o que por sua vez vai exigir o desenvolvimento de novas habilidades, adentrando em outros campos do conhecimento humano. Contexto a exigir larga formação cultural (em que é imprescindível atuação como um leitor nato, conhecedor da literatura infantil ou infanto-juvenil).

Por fim, reafirma-se que a contação de história por meio da magia e da fantasia proporciona um elo de apreço, enternecimento, alacridade e ludismo (eis a esfera da ludoterapia, a terapia por intermédio de atividades lúdicas) para os interagentes. Percebe-se que a magia das histórias contadas sustenta não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas a formação completa dos alunos, incrementando a inclusão social e o equilíbrio emocional. Oxalá novos estudos acerca dessa temática possam difundir-la e maximizar as tempestividades sobre seus benefícios (sociais, culturais, educacionais e terapêuticos) para avançar e embasar novas práticas – *empowerment* (#soubibliotecaescolar).

Referências

ANDRADE, Lucas Veras de; MELO, Ana Caroline Viana de. Um diálogo entre a vida real e a literatura infanto-juvenil: uma experiência de leitura na perspectiva da produção de sentidos. **Informação@Profissões**, [S. l.], n. 1, v. 6, p. 162-173, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/67378> Acesso em: 1fev.-2021.

BARRETO, Rayara Bastos; SOUSA, Laiana Ferreira de. Protagonismo Midiático Infantil: análise do comportamento informacional de vlogueiros contadores de histórias. **Informação em Pauta**, [S. l.], v. 2, p. 197-216, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/40868> Acesso em: 26fev.2021.

BORTOLIN, Sueli; BURGHI, Vera Jussara. A interação entre o bibliotecário e o leitor-ouvinte na contação de histórias. **Informação@Profissões**, [S. l.], n. 1-2, v. 3, p. 213-226, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/62476> Acesso em: 1mar.2021.

BUSATTO, Cleomari. **Narrando histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 2005. 132 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102929>. Acesso em: 02 maio 2020.

CARVALHO, Ana Cristina Guimarães; NASCIMENTO, Maria Gezilda e Silva; BEZERRA, Midinai Gomes. A mediação da informação na narrativa oral e na história de vida: proposições

dialogais. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, n. 2, v. 16, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39990> Acesso em: 1jun.2021.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

Pernambuco, v. 10, n. 1, p. 105-137, jan./abr. 2012.

GERLIN, Meri Nádia Marques; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. Competência em informação dos contadores de histórias conectados em redes no século XXI. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 285–300, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2244> Acesso em: 13jun.2021.

HAMPATÊ BÁ, Amadou. A tradição viva: Capítulo 8. *In*: KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África**. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190249>. Acesso em: 29jun.2021.

LOURENÇO, Adriana. Contando Histórias e Encantando nos Espaços de Leitura. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, n. 2, v. 1, p. 28-31, 2014. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/1442> Acesso em: 1jul.2021.

LOURENÇON, Diná Viviane Duarte; BASTOS, Sênia Regina. Hospitalidade e storytelling: prelúdio à dádiva das palavras. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 357-375, 2022. Disponível em: www.spell.org.br/documentos/download/66600 Acesso em 1jul.2022.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MIGUEL, Marcelo Calderari; CARVALHO, Sandra Maria Souza de. O bibliotecário em pauta na prática de contar histórias: uma atividade educativa incentivada nas bibliotecas escolares da Grande Vitória, Espírito Santo, Brasil. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 2, p. 17-41, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-5894.berev.2021.181532 Acesso em: 11-ago.2021.

MIGUEL, Marcelo Calderari; CARDOSO, Antonio Luiz Mattos de Souza; CARVALHO, Sandra Maria Souza de; SILVEIRA, Rogério Zanon da. Contar histórias e transformar vidas: entre o drama da covid-19 e a costura de informação, literatura e oralidade na Grande Vitória, ES, Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, 2022. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/194794> Acesso em: 1mar.2022.

MIHIĆ, Sanja Skočić; MAICH, Kimberly; BELCHER, Christina; PERROW, Susan; BARIŠIĆ, Ana; RAMIĆ, Nadia Novak. The role of bibliotherapy and therapeutic storytelling in creating inclusive classroom communities. *In*: **Handbook of Research on Classroom Diversity and Inclusive**. Petersen, Amy J (eds.), Hershey, PA, USA: IGI Global, 2017, p. 375-398. Disponível em: <https://www.igi-global.com/gateway/chapter/182395>. Acesso em: 1set.2021.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 466-485, ago. 2017. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/2454. Acesso em: 21-fev.2021.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.

SANCHES, Glaucimar Carlos; FERREIRA, Franchys M. N. S. Professor/contador de histórias buscando possibilidades para uma aprendizagem lúdica. **Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPPFIP**, Aquidauna, v. 1 n. 1 p. 207-221, out 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/587>. Acesso em 11out.2021.

SANTOS, Andréia de Araújo; OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. Contação de histórias : Algumas considerações sobre suas concepções. **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 159–175, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/11124>. Acesso em: 22dez.2021.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolyne Reis; NOGUEIRA, Maria Luisa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade. ‘Conte-me sua história’: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 11,2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224> Acesso em: 07fev.2021.

SILVA, Ivanice Prado da; SILVA, Winglyd Thais do Nascimento da; LOURENÇO, Adriana. Contação de História como Mediação de Leitura: contribuição na formação do Bibliotecário. **Ciência da Informação em Revista**, n.2, v. 3, p. 10-17, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/36360> Acesso em: 10-jun.2022.

SOUZA, Ana Cleide Patrício de. Recursos auxiliares e criativos para contação de histórias na biblioteca escolar. **Biblionline**, v. 13, p. 17-20, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/16356> Acesso em: 15jan.2022.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. Acontação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **EDUCERE- Revistade Educação**, v.6, n.12, p. 235-249, 2011. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/4643/4891>. Acesso em: 17fev.2022.

TEIXEIRA, Rodrigo de Freitas; LOPES, Norma de Souza. Práticas De Mediação De Leitura Em Biblioteca Escolar. In: SILVA, Eduardo Valadares da; ALVES, Ana Paula Meneses; CAMILLO, Everton da Silva; ZRRIEL, Marcelly Chrisostimo de Souza (org.). **Bonitezadas biblioteca escolar: um guia para boas práticas**. Belo Horizonte: KMA, 2021. p. 173-193. Disponível em: <https://nersi.eci.ufmg.br/livros/bonitezadas-biblioteca-escolar/> Acesso em: 18-mar.2022.

VIEIRA, Josina da Silva. **A importância da contação de história como um fator de mediação de leitura para as crianças na Biblioteca Pública Infantil 104/304 sul**: um estudo de caso. 2017. 158 f., il. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/20832>. Acesso em: 24abr.2022.

THE FAMOUS FIVE. *In*: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2022]. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Famous_Five Acesso em: 16jan.2022.

TROCCOLI, Irene Raguenet. História de vida: uma oportunidade não explorada em pesquisas de marketing . **Gestão & Conexões**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 8-27, 2022. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/66685/historia-de-vida--uma-oportunidade-nao-explorada-em-pesquisas-de-marketing-/i/pt-br> Acesso em: 19 maio 2022.

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **La imaginación y el arte em la infancia**. México: Hispânicas, 1987.